

PARTE 1

Reflexões sobre a Pesquisa

O Produtivismo na produção acadêmica nos Periódicos das Ciências Humanas e Sociais

Productivism in Academic Production in Human and Social Science Journals

Julio Gravina Marques¹
Diego Luz Moura²
Antonio Jorge Gonçalves Soares³

Resumo: O objetivo deste artigo foi analisar a produção acadêmica sobre produtividade e produtivismo no debate acadêmico. Foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos publicados entre 2010 e 2019, resultando em 22 artigos agrupados em 5 categorias. Observou-se que a noção de produtivismo carece de definições e precisões, dificultando a análise de seus efeitos e impactos nas ciências sociais e humanas. O conceito de produtivismo revela-se complexo e não contribui significativamente para a compreensão das dificuldades da produção científica nas ciências sociais e humanas no Brasil.

Palavras-chaves: Produtivismo. Produção científica. Produtividade. Pós-graduação.

Abstract: The objective of this article was to analyze the academic production on productivity and

1. Mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012). Desde Janeiro de 1997 exerce a Função de Diretor de Programas e Bolsas, na Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da UFRJ. jgmdouto@gmail.com

2. Mestre e Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF). Professor Adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Atua no curso de Licenciatura em Educação Física e nos cursos de Mestrado em Educação Física. lightdiego@yahoo.com.br

3. Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Educação-UFRJ, na linha de Pesquisa de Políticas Públicas e Instituições Educacionais, e professor colaborador do Programa em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, na linha Estudos Pedagógicos e Socioculturais da Educação Física. ajgsoares@gmail.com

productivism in the academic debate. A bibliographic review of articles published between 2010 and 2019 was carried out, resulting in 22 articles grouped into 5 categories. It was observed that the notion of productivism lacks definitions and precision, making it difficult to analyze its effects and impacts in the social and human sciences. The concept of productivism is complex and does not contribute significantly to understanding the difficulties of scientific production in the social and human sciences in Brazil.

Keywords: Productivism. Scientific production. Productivity. Postgraduate studies.

Introdução

O presente artigo objetivou analisar a produção acadêmica sobre produtividade e produtivismo no debate acadêmico. A investigação propiciou observar elementos que compõem o processo de construção, avaliação e difusão do trabalho científico, como instrumentos intrínsecos e fundamentais à construção do conhecimento. O debate sobre o produtivismo tem estimulado a publicação de artigos e ensaios sobre os impactos negativos e positivos do atual estágio da produção acadêmica e do mercado editorial que se forma a partir dessa demanda. Esse debate, no caso brasileiro, está principalmente enraizado na Pós-graduação, gerando conflitos e tensões, uma vez que aludem a aspectos de influência não somente na distinção individual dos professores/pesquisadores, como também na qualidade dos cursos de Pós-graduação. Em função disso, torna-se necessário observar como esse debate vem se organizando no contexto acadêmico para captarmos o que está em disputa, tendo em vista que a produção de artigos científicos em periódicos bem qualificados é um dos principais indicadores de avaliação da qualidade de cursos e pesquisadores.

A produção de artigos científicos, em tese, é majoritariamente produto das pesquisas na Pós-graduação. Com isso, a política de investimento em bolsas de Mestrado, Doutorado, Pós-doutorado e de professores visitantes atendem à demanda de formação de massa crítica e a produção de novos conhecimentos científicos e soluções tecnológicas para os mais variados problemas teóricos, práticos ou técnicos (MOURA; SOARES, 2022). Como já dito, no caso brasileiro a Pós-graduação é responsável pela maior parte da produção científica, assim, se faz fundamental o rigor na avaliação da produção científica para garantir a qualidade da pesquisa, a contribuição efetiva de tais conhecimentos para a sociedade, além de ajudar a direcionar investimentos em áreas prioritárias.

A principal crítica ao produtivismo no campo das ciências humanas e das sociais aplicadas recai sobre os indicadores quantitativos que mensuram as publicações de pesquisadores, tanto para hierarquizar os respectivos currículos nas concorrências em editais de financiamento quanto para avaliar a produção docente nos cursos de Pós-graduação. Esse tipo de avaliação tem gerado, segundo os críticos, distorções no

sistema, além de práticas antiéticas, como a produção em massa de artigos de baixa qualidade (RIGO, 2017). Porém, é importante ressaltar que a avaliação não deve se limitar apenas a critérios quantitativos, como número de publicações, impacto dos periódicos e índices de citação de periódicos ou de pesquisadores-autores individuais. Os críticos que usam a noção acusatória de produtivismo insistem que se deve considerar também aspectos qualitativos, como a originalidade do trabalho, a relevância para a área de pesquisa, a metodologia empregada e a contribuição para o avanço do conhecimento científico (MOURA, 2017).

O termo “produtivismo acadêmico” tem sido usado como categoria de denúncia da sobrevalorização da quantidade em detrimento da qualidade na produção acadêmica. No entanto, apesar de ser um tema recorrente na academia, há pouco investimento em uma discussão sobre a delimitação desse termo ou noção e poucos estudos de mapeamento que apontem seus impactos negativos e os aspectos reiterativos, de redundância e reprodução daquilo que é publicado (MOURA, 2017). Rigo (2017) aponta que “o produtivismo acadêmico diz respeito à produção acelerada do conhecimento, principalmente sob a forma de artigos científicos, levando pesquisadores a otimizarem seu tempo, esforço e dados de pesquisa” (RIGO, 2017, p. 510).

A pressão por publicar mais artigos, associada à competição por recursos e reconhecimento acadêmico, pode levar os pesquisadores a enfatizarem a quantidade de produção em detrimento da qualidade, como denunciam os articulistas que se debruçaram sobre o tema, como Alcadipani (2011), que aponta a “ênfase exacerbada na produção de uma grande quantidade de algo que possui pouca substância, o foco em se fazer o máximo de uma coisa *enlatada*, com pouco conteúdo e conseqüente valorização da quantidade como se fosse qualidade” (ALCADIPANI, 2011, p. 1174). Isso pode gerar uma cultura de produção compulsiva que prioriza o volume de publicações em detrimento da relevância e do impacto das pesquisas (BIANCHETTI; VALLE, 2014). Além disso, pode afetar negativamente a qualidade da formação de novos pesquisadores, que podem aprender a priorizar a quantidade de publicações sem se preocuparem com o efetivo impacto de suas próprias pesquisas para área de conhecimento que estão inseridos (TREIN; RODRIGUES, 2011).

O adágio acadêmico *publish or perish*, geralmente vociferado pelos adeptos do atual modelo de produção acadêmica, é apropriado pelos críticos para demonstrar a crueldade e os efeitos perversos que tal moralidade produtivista gera no âmbito da produção da científica com a competição entre os pares que dissolve a solidariedade acadêmica. Além disso, segundo Zuin e Bianchetti (2015, p. 730) não se pode deixar de relacionar a noção de produção científica e sua associação ao modo de produção capitalista dos séculos XIX e XX:

[...] para o mundo da produção, perceberemos que foi dada uma série de passos, foram implementadas inovações para que, no contexto do modo de produção capitalista, se passasse de uma produção atrelada às condições físico e mentais dos trabalhadores para uma produtividade cujo ritmo passou a ser determinado por fatores ou meios externos ao trabalhador ou a seu aparato psíquico-orgânico, na direção do “progredir ou perecer”. (ZUIN; BIANCHETTI, 2015, p. 730).

Para Zuin e Bianchetti (2015) essa lógica acabou sendo incorporada, guardadas as devidas proporções, ao campo científico. Assim, da mesma forma que o mercado de bens, serviços e produtos impõe a produção como um imperativo para participar da concorrência entre os atores do jogo capitalista, o campo científico teria incorporado tal lógica estabelecendo uma espécie de dualidade entre publicadores e não-publicadores (*publish ou perish*) sem impacto no campo:

[...] ocorre que, quando essa situação dualista/polar se instaura, o resultado é a anulação, a exclusão/subsunção de uma das partes “litigantes”, dado que, se a condição é “ou”, somente uma delas sobreviverá (ZUIN; BIANCHETTI, 2015, p. 728).

No caso da vida acadêmica, segundo os críticos, a produção passou a ser expressão da quantidade de publicações e do Fator de Impacto (FI) dos periódicos pelos índices de citação. Zuin e Bianchetti (2015) argumentam que os produtos científicos e sua visibilidade midiática causada pelo FI se tornam um simulacro de qualidade e hierarquizam os docentes e pesquisadores no âmbito da universidade. Como já dito, os discursos apontam que esse princípio orientador que se tornam medida de reconhecimento individual, capital simbólico para obtenção de financiamento, um dos principais critérios de conceituação dos programas de Pós-graduação e, além de outros benefícios financeiros e simbólicos, pautam as agências de fomento na construção de critérios de distribuição de bolsas para pesquisadores e para os PPGs. Zuin e Bianchetti (2015) apontam que publicação e sua visibilidade midiática podem se tornar o fim e não o meio da difusão de saberes e conhecimentos à serviço da sociedade. Se por um lado, a produção tende a acarretar um melhor nível de produtividade, por outro, pode gerar o fantasma do produtivismo e as ameaças que dele advém, como alerta Mancebo (2013):

[...] Considerando que os recursos para a pesquisa não são suficientes para toda a demanda do país e que sua distribuição ocorre a partir da avaliação da produtividade do pesquisador ou da equipe de investigação ou ainda do Programa de Pós-graduação, não é difícil chegar-se à dedução de que ocorre um aumento significativo na competição por recursos e uma encarniçada corrida pela produtividade. [...] o movimento da concorrência desenfreada pela ascensão do conceito dos programas de Pós-graduação, tanto a nível individual como ins-

titucional, acarreta consequências graves para a saúde de todos os envolvidos, dado o ambiente de isolamento e de hostilidade no local de trabalho causado por valores individualistas. [...] Nas Ciências Humanas e Sociais também ocorre forte resistência e descontentamento com a adoção de enfoques bibliométricos. Há que se considerar que nessa grande área tem-se uma cultura antiga de valorização da publicação de livros e capítulos de livros. No entanto, no presente, a urgência em apresentar produtos tem tornado difícil a publicação de livros [...] e absurdamente livros e capítulos têm um valor mais baixo na classificação de pesquisadores e dos programas de Pós-graduação (MANCIBO, 2013, p. 522-524).

A questão que colocamos é se todas as críticas levantadas a partir da noção de produtivismo, como cultura ou moralidade acadêmica instalado nas universidades e agências de fomento, apresentam dados e indícios empíricos sobre os efeitos perversos que tal política produz? Nesse sentido, realizamos uma revisão dos artigos que tomam o tema do produtivismo como uma noção de denúncia ao atual modelo produção e divulgação científica no campo das ciências humanas e sociais aplicadas. O produtivismo como noção deve ser encarado como uma categoria êmica que circula no cotidiano da vida universitária brasileira e assume por vezes uma conotação moral de denúncia. Portanto, o presente artigo tem como objetivo analisar a produção acadêmica sobre produtividade e produtivismo no debate acadêmico.

Método

Foi realizada uma revisão bibliográfica em artigos publicados no arco temporal entre 2010 e 2019, na base SCIELO. Essa base foi escolhida por se tratar de uma base de dados que circula o debate mais qualificado nacionalmente no campo das ciências humanas e sociais aplicadas. Foram utilizados os seguintes descritores booleanos: “Produtivismo” (Todos os índices) OR (“Ciências Humanas” OR “Ciências Sociais Aplicadas”) (Todos os índices) AND (“Avaliação” OR “Critérios” OR “Impacto” OR “Pós-graduação” OR “Produtivismo Científico” OR “Produtivismo Acadêmico”) (Todos os índices). O levantamento foi realizado no período entre abril e junho de 2019.

Os estudos tiveram de cumprir os seguintes critérios de seleção: a) estar relacionado com a Pós-graduação; b) estar inserido nas áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas; c) pertinência: tratar o tema de forma explícita; d) estar em língua portuguesa.

Foram encontrados, inicialmente, trinta e cinco, todos artigos nacionais, inseridos no contexto da Pós-graduação nas áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas. Porém, quanto ao critério de pertinência ao tema, foi realizado o descarte

de treze artigos, aproveitando-se para o desenvolvimento do trabalho, vinte e dois, identificados no Quadro 1.

Quadro 1: Artigos encontrados na Base SCIELO

Periódico	Autor/ano	Título
Educação & Realidade	Rothen, Santana e Borges (2018)	As Armadilhas do Discurso sobre a Avaliação da Educação Superior
Cadernos EBAPE.BR	Patrus, Shigaki e Dantas (2018)	Quem não conhece seu passado está condenado a repeti-lo: distorções da avaliação da Pós-graduação no Brasil à luz da história da Capes
Revista Brasileira de Educação	Vilaça e Palma (2013)	Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo
Psicologia USP	Schmidt (2011)	Avaliação acadêmica, ideologia e poder
História, Ciências, Saúde-Manguinhos	Fico (2015)	A Pós-graduação em História: tendências e perspectivas da área
Cadernos EBAPE.BR	Vizeu, Macadar e Graeml (2016)	Produtivismo acadêmico baseado em uma perspectiva habermasiana
Cadernos EBAPE.BR	Patrus, Dantas e Shigaki (2015)	O produtivismo acadêmico e seus impactos na Pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares?
Revista de Administração de Empresas	Rigo (2017)	Comunidade Acadêmica, Produtivismo e Avaliação por Pares
Cadernos de Pesquisa	Pereira e Damiani (2015)	Agrura dos avaliadores: em busca de qualidade na pesquisa em educação
Revista de Administração de Empresas	Machado e Bianchetti (2011)	(Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador
Revista Brasileira de Educação	Trein e Rodrigues (2011)	O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria
Educação & Sociedade	Bianchetti (2010)	O processo de Bolonha e a intensificação do trabalho na universidade: entrevista com Josep M. Blanch
Revista Brasileira de Educação	Macedo e Sousa (2010)	A pesquisa em educação no Brasil
Estudos Avançados	Domingues (2014)	O sistema de comunicação da ciência e o taylorismo acadêmico: questionamentos e alternativas
Educação e Pesquisa	Rego (2014)	Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio

Cadernos de Pesquisa	Vilaça e Palma (2015)	Comentários sobre avaliação, pressão por publicação, produtivismo acadêmico e ética científica
Cadernos de Pesquisa	Kuhlmann Jr. (2015)	Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas
Cadernos de Pesquisa	Kuhlmann Jr. (2014)	Publicação em periódicos científicos: ética, qualidade e avaliação da pesquisa
Psicologia & Sociedade	Hoffmann et al. (2018)	Relações entre autoconceito profissional e Produtivismo na Pós-graduação
Psicologia & Sociedade	Bernardo (2014)	Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes
Psicologia & Sociedade	Mancebo (2013)	Trabalho docente e produção de conhecimento
Educação & Sociedade	Vosgerau, Orlando e Meyer (2017)	Produtivismo Acadêmico e suas repercussões no desenvolvimento profissional de professores universitários

Fonte: os autores

Organizando os resultados

Os artigos foram elencados em cinco categorias, dadas as familiaridades nos argumentos. As categorias podem ser observadas no Quadro 2.

Quadro 2: Categorias de análise

Categorias	N	Descrição
Críticas à avaliação	6	Apontam a crítica à centralidade da avaliação como uma imposição quantitativa e mecanismo de controle.
Deformação na formação e atitudes estratégicas	4	Apontam a preocupação com as atitudes dos pesquisadores em questões como a falta de critérios ético-morais na construção e avaliação dos trabalhos que têm buscado adensar seus currículos por meio de uma produção focada na quantidade.
Conhecimento como Mercadoria	2	Apontam observações como o conhecimento tem sido convertido em mercadoria, caracterizando desta forma a subordinação da ciência ao mesmo espírito da produção capitalista.
Revista e mercado editorial	6	Esta categoria é composta por artigos que discutem o ciclo de produção do conhecimento gerado pela pressão de produzir, imposta sobre os pesquisadores e a impossibilidade de toda sua difusão, de modo que surge a necessidade de criação de novos periódicos para desaguar a produção acadêmica.
Condição docente	4	Apontam a precariedade das condições de realização do trabalho docente, as quais os professores-pesquisadores têm se submetido em vista do produtivismo.

Críticas à avaliação

Esta categoria é composta por seis artigos que criticam a centralidade da avaliação como uma imposição quantitativa e mecanismo de controle das Instituições de Ensino Superior (ROTHEN; SANTANA; BORGES, 2018; PATRUS, SHIGAKI, DANTAS, 2018; VILACA, PALMA, 2013; SCHMIDT, 2011; FICO, 2015; BIANCHETTI, 2010).

Rothen, Santana e Borges (2018) discutem os discursos presentes nas propostas de avaliação da Educação Superior, especificamente na proposta desenvolvida em 2017 pela Comissão Própria de Avaliação da UNESP. A análise documental revela que, apesar de parecerem promover liberdade e independência, tais propostas estabelecem instrumentos de controle quantitativo, que podem aumentar a exclusão, o produtivismo e a competição. A ideia de controle é sempre presente na construção dos argumentos e discursos dessas propostas.

Patrus, Shigaki e Dantas (2018) analisaram a influência do sistema de avaliação da CAPES nos programas de Mestrado e Doutorado, com enfoque em elementos históricos que permeiam o processo de avaliação institucional. A partir da construção de uma linha temporal, de 1951 a 2016, os autores identificaram distorções incompatíveis com um sistema de avaliação classificatório, especialmente em relação à mudança da escala de notas de 1 a 5 para 1 a 7 nos anos 1990. Embora essa mudança tenha ocorrido, o sistema de avaliação da CAPES ainda utiliza notas de 1 a 5 para avaliar os programas em cada quesito, comprometendo o rigor metodológico e abandonando o caráter educativo de uma avaliação formativa. É importante destacar a diferença entre produtividade, resultado da capacidade de produzir algo, e produtivismo, posição que defende o aumento da produção ou produtividade como principal objetivo a ser atingido.

Vilaca e Palma (2013) analisaram perspectivas sobre o rumo da ciência, abordando o sistema de avaliação da CAPES, a norma produtivista e a valorização do sistema Qualis, que criam traços econômicos e competitivos na academia. Concluíram que, embora seja necessário que a academia produza resultados, a focalização nos produtos sem considerar os processos pode levar a efeitos negativos, como a pressão por cada vez um maior número de publicações como um fim em si mesmo.

Schmidt (2011) discute a avaliação acadêmica no contexto produtivista, tendo como base a análise do episódio da lista dos improdutivos, ocorrido em 1988 na USP. O autor apresenta as ideias que constituem a ideologia produtivista, como a publicação em periódicos como critério principal de produtividade e o processo de modernização da universidade voltado para adaptação da produção científica e tecnológica. Examinou os desdobramentos da ideologia produtivista na construção de um sistema

nacional de avaliação no Brasil, que remete à desatenção à heterogeneidade das áreas, produções e produtos, bem como à avaliação focada na quantidade em detrimento da qualidade. Concluiu-se que é necessário expandir a análise das características do modelo atual, buscando explicitar seus efeitos nas ciências humanas e sociais, bem como suas conexões com a crise de sentido e valores nessas áreas do saber.

Fico (2015) aborda os critérios e desafios da avaliação pela Capes na área de História. O autor critica o produtivismo acadêmico, as distorções na formação do historiador, como o aluno profissional que não se familiariza com outras temáticas da historiografia, e o perfil esperado do Mestrado Acadêmico, que precisa de maior densidade teórica e historiográfica nas produções. Ele comenta os esforços de internacionalização da disciplina e defende maior maturidade da área em relação ao reconhecimento e atendimento das demandas sociais, bem como o aperfeiçoamento dos procedimentos internos, como a avaliação por pares. Fico afirma que é necessário pensar em critérios que não favoreçam grupos que publiquem muito na própria revista, que façam coletâneas com todos os membros do programa ou que assinem trabalhos de seus orientandos; o autor aqui está denunciando que há autores nos artigos que vão de carona nos textos de seus alunos. No que se refere às discussões sobre os critérios de avaliação, os pesquisadores do campo estabeleceram um acordo de não instituírem mudanças dramáticas a não ser que tragam melhorias evidentes. Fico destaca que no momento da publicação do artigo, já havia uma avaliação mais objetiva e consolidada da área, o que permite aprimorar uma reflexão mais abrangente sobre essa disciplina no cenário brasileiro.

Bianchetti (2010) discutiu o impacto do Processo de Bolonha no trabalho dos professores universitários europeus com base em uma entrevista concedida pelo professor Josep M. Blanch da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). O autor apresenta as reflexões de Blanch sobre a implementação de Bolonha na UAB e nas universidades europeias, destacando como esse processo é caracterizado pela heteronomia. Para Bianchetti, a situação heterônoma é semelhante ao que ocorreu no Brasil com o “Modelo CAPES de Avaliação e Fomento”, uma vez que os professores europeus também enfrentam os efeitos do produtivismo acadêmico.

Deformação na formação e atitudes estratégicas

Esta categoria é composta por quatro artigos que discutem a preocupação com as atitudes dos pesquisadores em questões como a falta de critérios ético-morais na construção e avaliação dos trabalhos e que têm buscado adensar seus currículos por meio de uma produção focada na quantidade (VIZEU; MACADAR; GRAEML, 2016;

PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015; RIGO, 2017; PEREIRA; DAMIANI, 2015).

Vizeu, Macadar e Graeml (2016) discutem a relação entre ética e pragmatismo na academia, especificamente na lógica produtivista da racionalidade econômica predominante na sociedade contemporânea. O texto é um ensaio teórico que enfatiza que a prática acadêmica é uma prática social afetada pelos mesmos problemas que a sociedade enfrenta, especialmente na dimensão econômica. Os autores apontam a falta de reflexão sobre os valores ético-morais que cercam a atividade científico-educacional no Brasil. Eles propõem que a discussão sobre ética na prática acadêmica seria mais enriquecedora se a comunidade acadêmica discutisse criticamente os critérios produtivistas dos órgãos reguladores.

Patrus, Dantas e Shigaki (2015) discutiram os impactos do produtivismo na Pós-graduação *stricto sensu* e avaliaram o risco de ameaça à solidariedade acadêmica. A solidariedade acadêmica é vista como um compromisso mútuo entre pesquisadores que se dedicam voluntariamente à avaliação de produtos da atividade de um programa de Pós-graduação. O trabalho analisa artigos sobre o produtivismo acadêmico e o processo de avaliação da CAPES, mas não descreve a metodologia de seleção desses artigos. Os autores concluem que não pode existir produtivismo sem colaboração, embora possa haver produtivismo sem solidariedade. Em outras palavras, mesmo que o produtivismo possa corroer a solidariedade acadêmica, ele não pode existir sem a colaboração anônima de um grande número de avaliadores de periódicos, que dedicam seu tempo e expertise para avaliar os trabalhos de seus pares.

Rigo (2017) reflete sobre as condutas e relações entre avaliadores e autores durante a revisão por pares de periódicos, com o objetivo de destacar os efeitos negativos na vida acadêmica. A metodologia consiste em um relato de experiência da autora como avaliadora em periódicos e congressos, e como parte da equipe de dois periódicos nacionais. A autora conclui que a ação empática dos avaliadores é fundamental para garantir a legitimidade do processo, promovendo transparência, imparcialidade e cordialidade, o que pode gerar confiança dentro da comunidade científica e aliviar as pressões do sistema de avaliação.

Pereira e Damiani (2015) discutem as consequências do produtivismo na comunidade acadêmica, com base em sua experiência em avaliações de trabalhos científicos na área da educação. Concluem que é possível manter convicções e posições, mas é fundamental promover debates e discussões para evitar rigidez nas análises. O texto é um ensaio que aborda a avaliação de artigos científicos para periódicos e experiências em bancas examinadoras de dissertações e teses.

Conhecimento como mercadoria

Esta categoria é composta por dois artigos que apontam observações como o conhecimento tem sido convertido em mercadoria, caracterizando desta forma a subordinação da ciência ao mesmo espírito da produção capitalista (MACHADO; BIANCHETTI, 2011; TREIN; RODRIGUES, 2011).

Machado e Bianchetti (2011) analisam como as relações entre universidade, ciência, governos e economia se desenvolveram e levaram à universidade a ser alvo do interesse do capital. O sistema científico tornou-se estratégico para que os países e regiões se tornassem competitivos economicamente. A pesquisa foi realizada por meio da análise de artigos nacionais e internacionais. Os autores concluem que é necessário que haja políticas públicas que impeçam as empresas de se apropriarem da força de trabalho dos intelectuais e seus resultados, caracterizando a subsunção da universidade à empresa.

Trein e Rodrigues (2011) analisam o atual modo de produção do conhecimento científico, destacando o fetichismo do conhecimento-mercadoria. O conhecimento científico só tem valor se pode ser mercantilizado, o que gera um “mal-estar” na academia. Os autores utilizam os escritos de Freud e Marx para pensar sobre as angústias e as raízes desse mal-estar e sua possível superação. Os autores concluem que o sistema de ciência e tecnologia e o conhecimento-mercadoria governam a academia, levando os pesquisadores a trabalharem em uma direção em que não acreditam.

Revista e mercado editorial

Esta categoria é composta por seis artigos que discutem o ciclo de produção do conhecimento gerado pela pressão de produzir, imposta sobre os pesquisadores e a impossibilidade de toda sua difusão, de modo que surge a necessidade de criação de novos periódicos para desaguar a produção acadêmica (MACEDO; SOUSA, 2010; DOMINGUES, 2014; REGO, 2014; VILAÇA; PALMA, 2015; KUHLMANN Jr., 2014; KUHLMANN Jr., 2015).

Macedo e Sousa (2010) discutem a relação entre política de Pós-graduação em Educação e política de pesquisa, enfatizando a importância da organização dos programas em linhas de pesquisa e da produção bibliográfica como indicador de avaliação. O artigo apresenta um levantamento de dados dos programas de Pós-graduação e analisa textos de avaliação da CAPES. Os autores concluem que a produção científica na área está mais consistente e que os periódicos têm mais qualidade, indicando que

os docentes universitários estão cumprindo sua competência de produzir e socializar conhecimento.

Domingues (2014) estuda o taylorismo acadêmico, seu aparato institucional, suas ferramentas e consequências, destacando duas ideias principais. A primeira distingue o sistema de comunicação da ciência da divulgação e da popularização, enfatizando sua função de veicular produções científicas e resultados entre os pares por meio de academias, universidades, ciclos de conferências, livros, revistas científicas, artigos e sistemas de revisão por pares. A segunda considera o taylorismo acadêmico como um mal que afeta a academia e o sistema de comunicação da ciência, especialmente o viés administrativo associado a incentivos e coerções permeáveis às pressões governamentais, de agências de fomento e de administrações universitárias, levando à estandardização dos processos e à proliferação de publicações. A metodologia envolve a análise de dados estatísticos atuais considerando abordagem sociológica e histórica. O autor conclui que as alternativas e saídas envolvem atitudes defensivas, boicotes, filtros de qualidade e reformas no sistema de avaliação pelos pares.

Rego (2014) analisou as consequências e impactos da produção e publicação científica na contemporaneidade, com ênfase nos reflexos do chamado produtivismo acadêmico. Tal produtivismo tem afetado negativamente pesquisadores, universidades, e revistas brasileiras, impactando também a qualidade do que é publicado. O texto é um ensaio, no qual a autora apresenta considerações para esclarecer as perspectivas das análises propostas. Em seguida, são apresentadas informações sobre a participação dos periódicos de ciências sociais e humanidades na base SciELO. A terceira parte do texto se concentra nos esforços realizados na gestão de uma revista específica para atender às novas pressões e demandas colocadas às equipes editoriais de periódicos indexados. A autora conclui defendendo a ideia de que o conhecimento produzido nas instituições acadêmicas e de pesquisa deve ser livremente difundido para que outros estudiosos e a sociedade em geral possam se apropriar dele. Ela alerta para o movimento crescente de difusão da produção científica desde a década de 1990, impulsionado pela rapidez, baixo custo e outras vantagens oferecidas pelas práticas de redes digitais.

Vilaça e Palma (2015) analisam um artigo de Kuhlmann Jr. (2014) que argumenta contra a ideia de que a pressão pela publicação e o fenômeno do produtivismo estejam relacionados à baixa qualidade de alguns artigos. Os autores citam outros autores que apoiam a criação e uso de indicadores qualitativos, defendem que a importância de um artigo está em seu conteúdo e não no periódico onde foi publicado, incentivam práticas de autoria responsáveis e enfatizam a importância das oportunidades oferecidas pela publicação online para afrouxar limites desnecessários, como o número de

palavras, figuras e referências. Os autores concluem que é necessário aprofundar e ampliar o debate sobre a imprecisão dos critérios de qualidade na avaliação de artigos, que são usados de forma genérica, deixando questões como: o que é qualidade? Quais definições são usadas para afirmar a existência de pesquisas ou artigos de baixa qualidade? Quais são os critérios de qualidade acadêmico-científica epistemologicamente válidos?

Kuhlmann Junior (2014) aborda a problemática da publicação de artigos em periódicos científicos, em especial na área de educação e correlatas. Ele questiona a relação causal entre a pressão por publicação e a baixa qualidade dos artigos, que está relacionada à política de avaliação que prioriza a quantidade de artigos publicados e a pontuação das revistas. Kuhlmann Jr. conclui que é preciso avançar a discussão sobre o que se tem pesquisado e como, sobre os problemas de investigação e a pertinência e consistência dos métodos para levá-las adiante.

Kuhlmann Junior (2015) aprofunda a análise sobre a prática da publicação em periódicos, considerando a história da Imprensa e da Ciência, bem como a experiência em atividades de avaliação de teses, dissertações, projetos e artigos científicos. O autor destaca a interferência dos interesses econômicos e das editoras acadêmicas comerciais nas políticas de publicação e avaliação, o aumento dos custos de produção e a concentração da produção de periódicos por grandes editoras, o que resulta em uma prática de cartel internacionalizado.

A condição docente

Esta categoria é composta por quatro artigos que apontam a precariedade das condições de realização do trabalho docente, as quais os professores-pesquisadores têm se submetido em vista do produtivismo (HOFFMANN et al., 2018; BERNARDO, 2014; MANCEBO, 2013; VOSGERAU; ORLANDO; MEYER, 2017).

O objetivo do estudo de Hoffmann et al. (2018) é compreender os efeitos do produtivismo no trabalho docente e no autoconceito profissional. Seis docentes de programas de Pós-graduação foram entrevistados, e foi possível identificar a naturalização da sobrecarga de trabalho, a desvalorização das atividades de ensino e extensão em relação à pesquisa, a deturpação do autoconceito profissional, bem como a realização profissional vinculada ao sucesso dos alunos. Os autores concluem que é preciso mudar o modelo de gestão do trabalho docente e avaliar o trabalho a partir de projetos que abranjam as atividades de ensino, pesquisa e extensão de forma equânime.

Bernardo (2014) aborda a precariedade subjetiva que os docentes sofrem em

decorrência da ênfase na quantidade de produções bibliográficas e das características típicas de mercado presentes nas universidades públicas. A pesquisa realizada com docentes de uma universidade pública indica que essa precariedade subjetiva pode levar a desgaste mental e, conseqüentemente, a problemas de saúde. A autora conclui que, embora alguns docentes adotem táticas individuais para “sobreviver”, são pouco enfatizadas estratégias coletivas para a transformação.

Mancebo (2013) analisa as atividades atribuídas aos professores de Educação Superior no Brasil, incluindo não apenas as atividades acadêmicas, mas também as administrativas. A autora argumenta que, no trabalho imaterial, o tempo necessário para a reflexão e a pesquisa é frequentemente proscrito como inatividade. O artigo conclui que a tendência predominante no mundo do trabalho, sob a acumulação flexível, é a precarização e intensificação do trabalho docente.

Vosgerau, Orlando e Meyer (2017) analisam o impacto do produtivismo acadêmico no desenvolvimento profissional docente a partir da compreensão do professor como intelectual. O estudo se baseia na análise de documentos da CAPES, e os autores alertam para o fato de que os critérios de avaliação podem levar à intensificação e precarização do trabalho, tornando a liberdade da cátedra sinônimo de trabalho individual.

Discussão

De um modo geral, precisamos iniciar essa discussão, apontando que os textos operam com uma noção de produtivismo acadêmico como um fenômeno que se origina dos processos de avaliação, onde se valoriza a quantidade de produção científico-acadêmica, tendendo a desconsiderar a sua qualidade ou os efetivos impactos para determinado campo disciplinar ou social (SGUISSARDI, 2010). Todavia, podemos perceber que em muitas vezes a crítica dos autores opera apenas com a crítica à quantidade, independentemente da qualidade dos artigos. Essa construção objetiva apenas da crítica a quem possui maior produção, sem antes investigar a qualidade dos textos, constrói fantasmas e problemas que não podem ser resolvidos sem a análise empírica dos resultados e/ou dos impactos dos ditos pesquisadores produtivistas. Surgem questões: Como podemos definir o produtivismo de um pesquisador? por uma determinada quantidade de artigos/ano? ou pelos artigos publicados que nada acrescenta ao estágio de conhecimento de seu campo de investigação? Portanto, podemos perceber que o debate acerca do produtivismo é permeado de indefinições e imprecisões dessa noção que mais se assemelha a uma rotulagem que a um conceito que se torne um instrumento de vigilância epistemológica (BACHELARD, 1996).

Uma das motivações que alimenta o espantinho do produtivismo acadêmico pode estar relacionado à escassez de recursos para os pesquisadores nos editais de fomento à pesquisa que, por sua vez, intensificam a disputa entre os pesquisadores. Na avaliação dos pedidos de verba para pesquisa a construção de uma produção constante é vista como uma condição fundamental para obter financiamento e recursos diversos. Além disso, a obtenção de uma produção alta e regular de artigos científicos é um requisito para bolsas de produtividade do CNPq, notas mais altas em classificações de Pós-graduação, prestígio entre os pares, bem como oportunidades para participar de eventos acadêmicos nacionais e internacionais.

Rothen, Santana e Borges (2018) apontam que a busca por recursos, financiamento e prestígio na área acadêmica tem levado a uma cultura de disputa entre os pesquisadores que instaura um instrumento de controle que pode gerar exclusão, foco demasiado na quantidade de produção em detrimento da qualidade e fortalece a competitividade entre os pesquisadores. Todavia, a crítica da literatura no campo das ciências sociais, humanas e aplicadas recai nos critérios objetivos que julga a produção pela quantidade, pelo fator de impacto dos respectivos veículos de divulgação e dos pesquisadores, todavia, a tal crítica carece em demonstrar empiricamente que tal produção qualificada como excelente em nada ou quase nada acrescentou a determinado campo de investigação.

Esse cenário constrói uma série de impactos na forma de se produzir e avaliar as pesquisas produzidas na Pós-graduação. Afinal, como comparar os efeitos positivos e negativos da competição no campo científico com os dias atuais sem cair no saudosismo de intelectuais e/ou pesquisadores das ciências humanas e sociais que eram exímios palestrantes, publicaram nos periódicos quando convidados, eram mais ensaístas que pesquisadores profissionais, tinham fraco intercâmbio científico e seus currículos não eram públicos.

As ações de avaliação da CAPES e das diferentes agências de fomento, ao reconhecer e premiar o volume de produção qualificada, leva também os atores sociais do campo a produzirem *gaming*. Tal tendência pode influenciar os pesquisadores para a ampliação da produção científica através de estratégias variadas para maximizar o aumento da produção e da pontuação junto às agências de fomento. Se por um lado, o intercâmbio científico, a formação de redes de pesquisa e a produção coletiva de *papers* indica um caminho fecundo no sentido de aumento da produção e da qualidade científica, por outro, há estratégias não muito éticas que vão desde maximizar a produção de artigos através do fatiamento ou reiteração dos resultados de pesquisa em várias publicações até as formas de parcerias nas quais a coautoria é oferecida em forma de reciprocidade ou de *gift* sem trabalho de investigação de alguns autores. Dessa forma,

a crítica da instauração de um novo mercado editorial no campo científico com a multiplicação de periódicos e entre estes alguns com interesses puramente econômicos que depende mais das publicações constantes e em larga escala que da publicação original e relevante faz todo o sentido quando observamos a luta para inflar os currículos desde o início da vida acadêmica.

Segundo Patrus, Dantas e Shigaki (2015, p. 12) tais influências advém, principalmente, das exigências impostas pelas Agências de Fomento, cujas ações levam a um “modelo marcado pela realização de metas, pela valorização da eficiência e pela avaliação do desempenho”. A CAPES tem assumido um controle centralizador sobre a Pós-graduação brasileira ao ter autoridade sobre a autorização e avaliação de cursos *stricto sensu*, bem como sobre o financiamento de bolsas, de recursos de capital e de custeio. Com todas essas atribuições, a CAPES assumiu a centralização da política científica que pauta de certa forma a Pós-graduação e a pesquisa na universidade brasileira. Ainda que reconheçamos que o estado possa traçar uma política de desenvolvimento científico no país, o modelo de financiamento da CAPES e sua atribuição de autorizar a abertura e fechamento de programas de Pós-graduação acaba por limitar a autonomia universitária e inibir a formação de novos cursos que não estão previstos nas áreas e subáreas definidas pela CAPES. O efeito de tal centralização é que os cursos de Pós-graduação em diferentes áreas acabam se homogeneizando em função dos critérios definidos por essa agência financiadora e reguladora. Com isso perdemos possibilidades de inovação no campo universitário.

Por outro lado, o CNPq é uma agência que interfere de forma mais leve na dinâmica das universidades e IES em geral, fornecendo fomentos para diferentes níveis de formação científica e aplicando parte de seus recursos em bolsas de produtividade. A avaliação para distribuição de recursos segue critérios semelhantes às demais agências de fomento no Brasil. A bolsa de produtividade se tornou uma política pública de incentivo à produção científica em todas as áreas de conhecimento, tornando-se um selo de qualidade para pesquisadores e introduzindo competição e incentivos externos no ambiente universitário. Porém, a carreira do pesquisador-docente na política universitária tem se tornado pouco estimulante, tornando quase indiferentes os docentes produtivos dos improdutivos. Com isso, a bolsa de produtividade introduz o mérito entre os pesquisadores no espaço universitário, premiando o pesquisador produtivo com um pequeno adicional nos seus rendimentos e com uma taxa de bancada para cobrir pequenos custos da pesquisa. Em contrapartida, no espaço universitário a isonomia premia os não-produtivos em nível da Pesquisa e Extensão quando distribui cargas semelhantes de trabalho e progressão na carreira para todos com pouco esforço. A bolsa de produtividade deveria ser uma missão do orçamento da universidade no

sentido de premiar a qualidade e a produção dos docentes-pesquisadores produtivos. Uma das poucas universidades que possui esse tipo de incentivo é a UERJ que premia seus pesquisadores de excelência com a bolsa Pró-Ciência como uma remuneração, não-permanente, concedida aos pesquisadores que mantêm a produção científica constante durante a carreira.

Reconhecemos que a dificuldade de uma avaliação da qualidade e dos impactos dos artigos produzidos na Pós-graduação ajuda a que o espantinho do produtivismo seja construído e reforçado. Inclusive, reconhecemos que a falta de critérios qualitativos de fato pode induzir a uma aceleração da quantidade da produção e de estratégias menos éticas para cumprimento de parâmetros avaliativos. Os efeitos perversos do atual modelo de avaliação e produção científica tende a induzir os atores a um comportamento ético instável que, por vezes, são pegos em plágios, autoplágios, faturamento indefinido dos resultados de pesquisa ou em carona em artigos que nada tem a ver com sua linha de investigação. É importante analisar as consequências desse modo de construção do sistema e buscar maneiras de equilibrar a competição saudável com a colaboração científica fecunda que faz avançar o estágio de conhecimento que nos encontramos em cada área. No entanto, essas exigências têm levantado questões técnicas relacionadas à medição e ao controle do que está sendo avaliado e quem está fazendo a avaliação (SCHMIDT, 2011).

Noutra direção, a busca pelo aumento da produção acadêmica, quer seja nos pesquisadores-docentes para angariar mais recursos, quer seja nos iniciantes na carreira que almejam o ingresso nas universidades, pode gerar uma série de distorções que envolve a publicação de trabalhos de baixa qualidade e a pressão por publicações a todo custo, em detrimento do tempo e esforço necessários para a realização de pesquisas mais robustas e significativas. Além disso, os critérios de avaliação colocados em sintonia entre agências e periódicos no Brasil pode levar à exclusão de temas e abordagens que não se enquadram nos padrões estabelecidos e o efeito se dá na homogeneização da produção acadêmica.

De fato, a adaptação em atender prioritariamente aos critérios de avaliação estabelecidos pode levar a uma falta de diversidade e originalidade na produção acadêmica. E esses problemas são particularmente relevantes para as áreas de humanas e sociais, que têm demandas e desafios específicos em relação à pressão de publicação de resultados mais rápidos. Por exemplo, a pressão por publicações pode dificultar a realização de pesquisas mais longas e complexas, que exigem mais tempo, maturação e recursos significativos.

Domingues (2014, p. 226) argumenta que um caminho administrativo da produ-

ção acadêmica, relacionado a um sistema de incentivos e coerções, que acompanham as recompensas e as punições, acaba por provocar um número cada vez maior de publicações, caracterizando um processo inflacionário, cujo formato não garante a qualidade do conteúdo. Assim, para o autor, o produtivismo transforma a produção do conhecimento em uma grande disputa, cujo universo se divide entre os “produtivos” e os “improdutivos”.

Nessa linha de pensamento, Rego (2014, p. 335) alerta que o surto produtivista tem entregue às revistas grandes desafios. A autora observa ainda que tem ocorrido um aumento no número de submissões de periódicos das áreas de Ciências Humanas e Sociais que pleiteiam sua inclusão na coleção, mas que em contrapartida existe uma qualidade questionável das novas revistas (REGO, 2014), o que pode fragilizar a credibilidade da área. Essa visão decorre de sua experiência como representante dos editores da área de humanas e ciências sociais no comitê científico da SciELO Brasil.

Outro debate fortemente presente nos artigos analisados, refere-se ao impacto disso que se nomeia produtivismo nas condições de trabalho e na saúde dos docentes. Sobre esse aspecto é necessário que observemos que a busca por uma cultura de aceleração da produção pode de fato desencadear uma pressão por um ritmo mais acelerado de produção. Todavia, não foi demonstrado nos artigos dados que permitam comprovar que isso tem sido um fator determinante por algum tipo de adoecimento em massa dos professores. Faltam dados que nos permitam afirmar que a “pressão” pela publicação é um fator de risco para saúde dos docentes ou que os docentes estão se licenciando por questões de saúde devido ao fato de estarem sendo pressionados a produzirem mais. Pois, a crítica que os docentes estejam, supostamente, adoecendo em função dos critérios e das demandas de produção científica sem apresentar dados reforça o argumento que o produtivismo é um espantinho que pouco explica as dificuldades enfrentadas em determinados campos científicos. Assim, o produtivismo se transforma numa palavra de ordem, de crítica e denúncia que não permite avançar no sentido de entendermos as dificuldades do campo das ciências sociais e humanas no Brasil no atual estágio de desenvolvimento do campo científico como um todo. O produtivismo se torna assim mais um obstáculo epistemológico no sentido de Bachelard, que um conceito fecundo que pode ajudar a desvendar os efeitos contraproducentes presentes no campo do fazer científico.

Outro aspecto mencionado nos artigos refere-se a mudança do modelo de avaliação para um formato onde a qualidade seja valorizada em detrimento da quantidade. Os autores sugerem considerar também a qualidade dessas produções, a revisão dos critérios de avaliação, a criação de espaços para debate e reflexão sobre a ética e valores na produção acadêmica, e a promoção da diversidade e originalidade na

pesquisa.

Em síntese, nos artigos analisados há uma forte crítica de que a política de avaliação quantitativa produz uma relação na qual as pesquisas passam a ser convertidas em conhecimento-mercadoria (TREIN; RODRIGUES, 2011). Um argumento utilizado é que os pesquisadores, integrantes da indústria científica, a quem geralmente se atribui a maior responsabilidade no processo de produção de conhecimento, se veem numa situação em que o sistema os mantém alienados das decisões daqueles que controlam a ciência. Todavia, devemos lembrar que o campo acadêmico é governado pelos próprios pares; com isso a grita contra o produtivismo pode revelar, de certa forma, a incapacidade dos reclamantes em pautar a política científica no campo mais amplo da ciência brasileira e no próprio campo específico de suas respectivas áreas.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar a produção acadêmica que aciona a denúncia do produtivismo acadêmico através da revisão da literatura. Podemos verificar que a noção de produtivismo é cercada de indefinições e imprecisões que dificultam a delimitação e análise dos efeitos e impactos desse fenômeno no campo das ciências sociais e humanas. Tal noção, como tentamos argumentar, se transforma em denúncia que afeta a sensibilidade dos participantes do campo, mas não se estrutura em conceito fecundo que tenha poder de explicar e dar inteligibilidade a dinâmica de produção acadêmica em voga.

Os artigos analisados nesta revisão de literatura são enfáticos ao apontar que os critérios avaliativos do meio acadêmico constroem uma cultura produtiva que valoriza a quantidade em detrimento da qualidade e afeta tanto a saúde dos docentes quanto a formação de comportamentos não éticos. Apontam que essa cultura produtivista tem gerado uma exclusão e fortalecimento de uma competitividade entre pesquisadores, transformando a pesquisa em um instrumento de poder, de interesses pessoais para além da função da ciência e em mercadoria que garante outros ganhos no campo científico, editais, bolsas e financiamentos.

Na análise dos autores, as agências de fomento atuam de forma a premiar o volume de produção, sem se atentar aos aspectos da qualidade, gerando produção científica menos relevante e com impacto social limitado. Todavia, os autores críticos não apontam dados e nem argumentos que sustentem essa afirmação, pois, isso demanda escrutinar a produção científica dos líderes de seu campo e apontar o dedo para as mazelas anunciadas pelo rótulo do produtivismo.

É fundamental que haja espaços para o debate e reflexão sobre ética e valores na produção acadêmica. Esses espaços devem ser criados tanto para pesquisadores quanto para estudantes, sobretudo, para desmistificar também a noção que ao se produzir em alta quantidade está determinantemente relacionado com a pouca qualidade.

Por fim, assim como os autores dos artigos analisados, acreditamos que a promoção da diversidade e originalidade na pesquisa é outro aspecto que deve ser valorizado na avaliação acadêmica de forma a contribuir para a construção de um conhecimento mais plural e heurístico. Ao que parece o produtivismo é uma noção êmica que nasceu nos corredores da vida universitária, da crítica não pública aos pares e que ganhou as páginas de periódicos das ciências humanas e sociais, mas se tensionarmos tal noção descobriremos que estamos diante de uma palavra “mágica” que revela sentimentos e tenta explicar tudo e não consegue explicar nada; estamos assim diante de um obstáculo epistemológico que pouco auxilia a entender as dificuldades que habitam a atual dinâmica da produção científica nos campos das ciências sociais e humanas no Brasil. Aqui não entramos no debate do movimento *Low Science*, o debate foi circunscrito naquilo que se convencionou chamar de produtivismo no Brasil.

Referências

- ALCADIPANI, R. Uma ode à perturbação acadêmica, **Cad. EBAPE.BR**, v. 9, nº 4, opinião 3, Rio de Janeiro, Dez. 2011, p. 1174-1178.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, Belo Horizonte, 2014.
- BIANCHETTI, L. O processo de Bolonha e a intensificação do trabalho na universidade: entrevista com Josep M. Blanch. **Educação & Sociedade**, v. 31, n. 110, p. 241-258, Jan./Mar. 2010.
- BIANCHETTI, Lucídio; VALLE, Ione Ribeiro. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 22, n. 82, p. 89-109, 2014.
- DOMINGUES, I. O sistema de comunicação da ciência e o taylorismo acadêmico: questionamentos e alternativas. **Estudos Avançados**, v. 28, n. 82, São Paulo, Oct./Dec. 2014.
- FICO, C. A Pós-graduação em história: tendências e perspectivas da área. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 22, n. 3, Rio de Janeiro, Jul./Sept. 2015.
- HOFFMANN, C. et al. Relações entre autoconceito profissional e produtivismo na Pós-graduação. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, Belo Horizonte, 2018.
- KUHLMANN JUNIOR, M. Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 158, São Paulo, Oct./Dec. 2015.
- KUHLMANN JUNIOR, M. Publicação em periódicos científicos: ética, qualidade e avalia-

ção da pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n. 151, São Paulo, Jan./Mar. 2014.

MACEDO, E; SOUSA, C. P. A pesquisa em educação no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 43, Rio de Janeiro, Jan./Apr. 2010.

MACHADO, Ana Maria Netto; BIANCHETTI, Lucídio. (Des) fetichização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador. **Revista de Administração de Empresas**, v. 51, p. 244-254, 2011.

MANCEBO, Deise. Trabalho docente e produção de conhecimento. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v.25, n.3, 2013.

MOURA, Diego Luz. A pressão para publicar: reflexões necessárias. In: TELLES, Silvio; LUDORF, Silvia; PEREIRA, Erik. **Pesquisa em Educação Física: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco**. Rio de Janeiro: Autografia, 2007.

MOURA, Diego Luz; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A participação da subárea pedagógica nos programas de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física no Brasil no quadriênio 2013-2016. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v. 14, n. 34, p. 424-440, 2022.

PATRUS, Roberto; DANTAS, Douglas Cabral; SHIGAKI, Helena Belintani. O produtivismo acadêmico e seus impactos na Pós-graduação *stricto sensu*: uma ameaça à solidariedade entre pares?. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v.13, n.1, jan./mar. 2015.

PATRUS, Roberto; SHIGAKI, Helena Belintani; DANTAS, Douglas Cabral. Quem não conhece seu passado está condenado a repeti-lo: distorções da avaliação da Pós-graduação no Brasil à luz da história da CAPES. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v.16, n.4, out./dez. 2018.

PEREIRA, Marcelo Viana; DAMIANI, Magda Floriana. Agrura dos avaliadores: em busca de qualidade na pesquisa em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.45, n.158, p. 818-837, out./dez. 2015.

REGO, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.40, n.2, p. 449-463, abr./jun. 2014.

RIGO, Aline Suemi. Comunidade acadêmica, produtivismo e avaliação por pares. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.57, n.5, p. 441-452, set./out. 2017.

ROTHEN, José Carlos; SANTANA, Andréia da Cunha Medeiros; BORGES, Regilson Maciel. As armadilhas do discurso sobre a avaliação da educação superior. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.43, n.4, p. 935-956, out./dez. 2018.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Avaliação acadêmica, ideologia e poder. **Psicologia USP**, vol.22, no.2, p. 267-276, abr./jun. 2011. Epub, 10-Jun-2011.

SGUISSARDI, V. Produtivismo acadêmico. In: Oliveira, D. A.; Duarte, A.; Vieira, L. (Org.). **Dicionário de Trabalho, Profissão e Condição Docente**. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Educação/UFMG, 2010.

TREIN, Elton; RODRIGUES, João. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Revista Brasileira de Educação**, vol.16, no.48, p. 331-345, set./dez. 2011.

VILAÇA, Murilo Mariano; PALMA, Alexandre. Comentários sobre avaliação, pressão por publicação, produtivismo acadêmico e ética científica. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 45, nº 158, p. 1254-1276, São Paulo, out./dez. 2015.

VILAÇA, Murilo Mariano; PALMA, Alexandre. Diálogo sobre Cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo. **Revista Brasileira de Educação**, v.18, n.53, p. 251-

270, abr.-jun. 2013.

VIZEU, Fábio; MACADAR, Marie Anne; GRAEML, Alexandre Reis. Produtivismo acadêmico baseado em uma perspectiva habermasiana. **Caderno EBAPE.BR**, vol.14, no.4, p. 838-854, Rio de Janeiro, out./dez. 2016.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ORLANDO, Evelyn de Almeida; MEYER, Patricia. Produtivismo Acadêmico e suas repercussões no desenvolvimento profissional de professores universitários. **Educação & Sociedade**, vol.38, n.º.138, p. 1061-1080, Campinas, jan./mar. 2017. Epub jan. 05, 2017.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; BIANCHETTI, Lucídio. O produtivismo na era do publique apareça ou pereça: um equilíbrio difícil e necessário. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 726-750, out./dez. 2015.